



PAYSAGEM D'INVERNO—RIO AVE

(Phot. de M. A.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 135

Braga, 29 de janeiro de 1916

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talla Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita as nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63
GUARDA — Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Vellozo

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

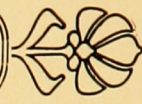
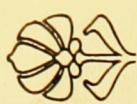
Braga, 29 de janeiro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 135—Anno III



Conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, ultimamente fallecido



Ella. . .

SAHIU agora o snr. Pimenta de Castro a dizer de sua justiça, oito mezes contados sobre a sua ridicula quêda politica. É porque, o sr. Almeida Ribeiro é a veridica prova da patetice democrática, não pôde o livro descer lá dos prélos germânicos de Weimar para o mercado escandaloso das nossas livrarias sem topar no caminho os galfarros da policia *preventiva*, apprehendendo por *precaução* os exemplares do livro do dictador *sinistro*. D'aqui, como é de vêr, uma grande intriga em volta d'elle e a ancia de o lêr mais acêndrada. Uma reedição numero não sei quantos de outras scenas semelhantes que tem havido em Portugal e para cuja confecção, seja dicto, os nossos grandes republicanos tem dedo especial. . .

Li o livro do sr. Castro. Um logro. A curiosidade esmiuçadora que caracteriza todo o bom portuguez do nosso tempo, ficou desapontada! . . . Da leitura rápida que fiz, apenas tomei nota das revelações de facto curiosas que o general nos expõe acêrca da interferencia ingleza no movimento de 14 de maio. E agora, sim, comprehendo o que uma vez de tarde, aqui no Porto, me dizia depois da revolta um militar:

— Houve traições, defecções, porcarias, sem duvida. Houve tudo isso: a lama do 5 d'outubro. Mas houve mais alguma coisa:— a Inglaterra. . .

Recordo bem que esta palavra me deixou boquiaberto e que por muito tempo me quedei a ruminar o assumpto, até que a clara intervenção do sr. Carnegie na eleição do mestre Bernardino, pondo termo á scisão que ia estalando dentro do partido democrático, me veio tirar de todo as illusões. Agora, o livro do *negregado* dictador mais põe em foco a posição da Inglaterra no movimento do 14 de maio.

A certa altura foi renovado ao general, pelo ministro britannico, o pedido de mais armamento. Pimenta de Castro respondeu negativamente. E o ministro cahiu logo nos braços de Affonso Costa, começando desde então o monumental *bluf* que se chamou e ainda chama a *campanha da ida para a guerra* accusando-se o dictador de não querer ir. Claro que apoz o 14 de maio, ainda não fomos, e o *Times* disse mesmo que não vamos. Mas o que então importava, era que o bom Zé Luzo continuasse a passar fome para dar armamento, munições e fardas aos *fieis aliados a quem* o governo *generoso* depois não acceitou sequer meio centavo! e para isso condicção principal era deitar

Castro a terra e pôr no Terreiro a unica gente capaz de entrar no cambalacho— a democrática.

Tudo isto quêr dizer que se n'outro tempo já a alliança ingleza fazia com que no Terreiro do Paço nada se resolvêsse sobre a acção exterior sem "ouvir Londres,"— era a phrase e agora a mesma alliança está servindo, primeiro; de diploma de contrabandistas, segundo, de causa de horrifica miseria no paiz. D'aqui o pouco, por amor de um Direito, escarrado pelo *ultimatum* de 20, vem o governo a reclamar ao povo que dê a camisa e fique nú, para que o loiro alliado fiel não tenha frio. Não me custa a acreditar que em tal hypothese, o portuguez banana accederia á intimação — coisas muito peores tem elle feito. . .

Em qualquer caso, estamos aos frêtes d'aquelles que o João Chagas de ha vinte e cinco annos insultava ferozmente nas columnas da *Republica Portugueza* — titulo de jornal que em 31 de janeiro esteve quasi a tornar realidade, se os revoltosos não se deixam ficar na Praça Nova a emborrachar de eloquencia! . . .

Joaquim Leitão dará para final da chronica o ultimo episodio do que por cá tem feito a Inglaterra, *magnanima* e não sei que mais, segundo diz o sr. Alpoim lá no *Janeiro*.

Foi durante o 14 de maio. Régis d'Oliveira, o embaixador do Brazil que acaba de fallecer, dipomata finissimo no tracto e no espirito que era de facto uma honra do Brazil para comnosco, Régis d'Oliveira convocou o corpo diplomático acreditado em Lisboa, e expoz-lhe a situação grave, arriscada, em que se encontram pessoas de qualidade. N'essa reunião, o ministro da Inglaterra disse — pelo menos assim anda contado — que *por sua parte não daria guarida a monarchicos na sua legação, procedendo assim de harmonia com as instrucções do seu governo*. O sr. Régis d'Oliveira insistiu na deshumanidade em que incorreriam fechando as suas portas áquelles que a exaltação do momento poderia perseguir. O *dipomata inglez* repetiu a sua declaração; que não só os não recebia mas expulsaria os que lá se acolhessem. Então o sr. Régis d'Oliveira, o embaixador do Brazil declarou sêcca e energicamente:

— «Pois por mim, recebo e acolho quantos peçam refugio ao Brazil!»

Depois d'isto, formem em linha todos os orpheões do paiz e — uma! duas! tres! — vozeiem bem o *God save* . . . que é o hymno do futuro e da manteiga!

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

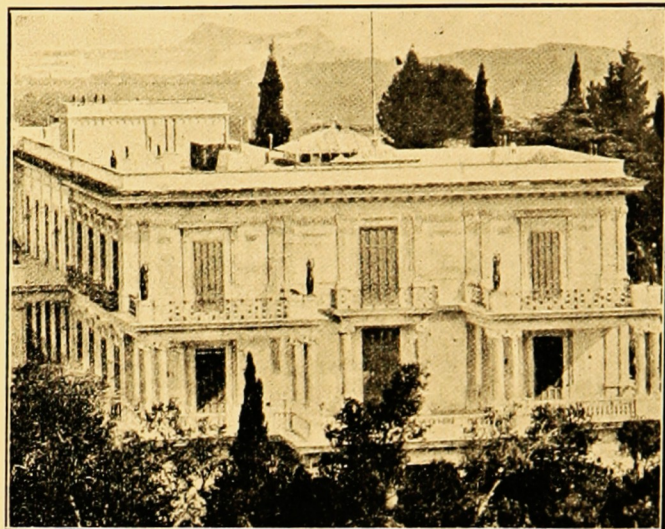
O retiro de Corfu

AQUELLE lendario palacio de Corfu, agora occupado pelos anglo-franceses, tem uma historia triste de desventura, de mau sestro, uma historia singular! E' todo um padrão de desgraça, d'amargura, de commovidas, intimas desditas, esse immenso casarão, que a alma veneziana de Karito concebeu, como sublime interprete d'uma amargura sublime. Vasto, senhoreal, cheio d'imponente grandeza na sua antiga e vetusta architectura, debruça-se para a romantica quietude do mar, adormecido, como um relicario sagrado de bellezas e desditas, de prodigios de saudade, sumptuoso, solemne como um tumulo, que alli enterrou a sua dôr e a sua belleza, a mais linda e desventurada Rainha. Depois do fim, —tragico do Archiduque Rodolpho, a desventurada imperatriz Izabel d'Austria, com a alma desfeita pela morte horrivel do filho, fez construir esse extranho e magnifico palacio, onde pensou acabar os seus amargurados dias. Foi alli, n'aquelle canto retirado n'aquelle recolhido lugar de sonho e de meditação, perto d'essa antiga e perdida Bysancio, de grandezas e de faustos, que a sombra macabra d'uma Rainha pensou terminar seus dias, reanimando talvez, na sombra d'essa civilisação em ruinas, o espectro das suas alegrias, das suas grandezas, dos seus triumphos!

O exterior d'esse extranho casarão, poisado á borda do mar, rasga-se em magnificencias d'estylo, em soberbas, polychromas combinações de marmores solemnes, com a sua capella bysantina, os seus largos terraços, as suas immensas escadarias de marmore lavrado, o seu nobre peristylo, silencioso como as estatuas fieis que o guardam, esplendentes de vigor e de saude, mas indecifreveis, recolhidas, como a saudade amargurada e recondita que as gerou. No parque geometrico, frondoso, a imperatriz desventurada, fez levantar uma estatua ao seu poeta favorito, —Henry Heine, —o lyrico admiravel, o surprehendente cantor do soffrimento.

Dentro, atravez dos salões, a vida explende, canta, n'uma alleluia pujante de belleza e de cõr, nos frescos pompeanos, na decoraçãõ requintada dos tectos e dos paineis. Um grande sonho d'arte abraça o esplendor d'aquellas paredes, onde o genio do homem não esqueceu, um detalhe, um motivo de poesia, um germen de sonho, como se aquella casa erguida na solidão d'um ermo para abrigar a solidão d'uma alma despedaçada, quizesse com o seu esplendor,

o seu sonho, a sua feeria, chamar á vida essa existencia desventurada e tragica, que alli iria enterrar as suas amarguras como no frio *podridero* d'um pantheon realengo. E foi por isso talvez, que irritada de tanto esplendor, de tanta grandeza, de tantos e tão subtis rebates de vida, que a sombria enclausurada de Corfu



Palacio de Corfu

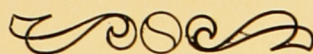
abandonou tempos depois o seu retiro e foi «dona macabra dos tristes destinos» passear pela Europa a sua desgraça, —esse extranho expiar de culpas, esse alheio mau sestro, que a aguia negra dos Habsburgos lhe poz no coração, no dia triumphal em que lhe poz na cabeça, a corõa d'imperatriz.

Por aquellas immensas escadarias, que em degraus lavrados, de marmore branco, vão até á praia, desceu Isabel d'Austria em tardes de desespero e de capricho, para lançar ás aguas quietas do mar adormecido, as duas melhores perolas do seu collar de Rainha como a querer restituir-lhe a vida que traiçoeiramente lhes roubara o segredo dos escriptos, onde dormiram esquecidas, depois do dia fatal. N'aquelles salões, n'aquelles jardins, n'aquelles terraços, errou a figura tragica d'essa desventurada mulher, arrastou-se, consumiu-se, essa vida extranha de soffrimento e d'amargura, que tempos depois cortavam cerce, as mãos brutaes d'um anarchista feroz. O Kaiser comprou então a solitaria moradia, para longe do bulicio da intriga, gosar tranquillo as suas ferias escassas ou melhor enredar a politica do Oriente...

Agora vae, pela força, para as mãos dos aliados, que alli installarão os seus feridos, e de novo, toda aquella solemne magestade de marmores e de frescos, vae escutar novas supplicas, olhar novas desgraças, echoar sinistro, lamentos, imprecações.

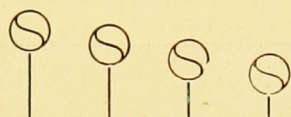
Ergueu-se para hospedar a dôr e, ainda mais uma vez, a dôr vae abrigar!

Extranho destino o d'este singular palacio!..



Threnos

por Antonio d'Azevedo Castello Branco



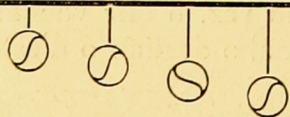
O mesmo céu te cobre, ó terra amada,
O mesmo mar te banha,
É purpureia os cumes da montanha
A luz da madrugada.

Pelos valles fecundos e formosos
Os mesmos rios vão correndo ao mar,
Serenos, magestosos,
Em que nas bellas noites de luar
Lampejam os fulgores
Que os tornam semelhantes
A' via constellada
Que com leite da deusa dos amores
No ether foi traçada.

D'estas aguas partiram navegantes,
Intrepidos, ousados,
Em terra em mar no prelio denodados,
Atravez dos escolhos e procellas,
Por mares pavorosos navegando,
De dia e noite, foram contemplando
Prodigios, maravilhas,
No céu, novas estrellas,
No mar, ignotas ilhas,
E em continentes novos,
Raças estranhas de ignorados povos.

As mães que os filhos no regaço emballam
Nas expressões de extremos de ternura
Dos labios seus exhalam,
Como essencia meliflua d'uma flôr,
As vozes com que fora memorada
Pelas filhas lugentes do Mondego
Aquella "morte escura,"
Da que victima foi d'inafasto amor,
E tão barbaramente arrebatada
Ao seu "engano d'alma ledo e cego..."

Nos rusticos labores
Alegres camponezas,
E nos montes o rude pegureiro,
Na mesma lingua cantam os amores,
Saudades, ou tristezas,
Em que as cantava Bernardim Ribeiro,
Ao brando som da avena pastoral.



Ainda é esta a nossa terra amada,
Mas a Patria não é! Dilacerada
Por dissensões, a communhão moral
Extincta jaz, e foram convertidos
Os laços fraternaes d'antigas eras
Em algemas dos pulsos dos vencidos,
Estuam, rebramindo, nas cidades,
Como lavas que fervem nas crateras,
Instinctos maus, crueis perversidades
Que as multidões ignaras tornam feras,
E mádidas de sangue as liberdades,
Por cruentos sectarios perseguidas,
A terra estranha vão pedir guaridas.

O pensamento, assombro de tyrannos,
Da expressão liberrima privado,
Vê-se, como um escravo agrilhoado
Nas trevas dos ergastulos romanos.

Até nas mais reconditas aldeias,
De vida pastoril, virgiliana,
De paz não gosa a consciencia humana,
Pois perseguem rebanhos e pastores
As brutas alcateias
D'uns livres pensadores,
Que intnetam expugnar d'assalto os céos,
Julgando-se titans, os vis pygmeus.

Cantor das lusitanas odysseias,
Esta Patria não é por ti amada!
Culto não tem os patrios monumentos,
Esses padrões da antiga heroicidade,
Aos astros nos teus cantos sublimada,
A esta geração envilecida
Não inspiram os minimos alentos
Para mostrar ao mundo a fronte erguida,
E longe não virá talvez o dia
Em que uma audaz demagogia,
Em preito á egualdade,
Derrube os monumentos levantados
A' gloria de varões assignalados
Por insigne valor e lealdade.

Na terra descansae, oh gerações,
Sobre a qual inda vistes adejando
O triumphante bando
Das aguias da victoria.
Das heroicas, sagradas tradições,
Agora resta apenas a memoria
Que vagamente pelo mundo espalha
Um poema de marmore, a Batalha,
E a sublime epopeia de Camões.

Conselheiro

Antonio d'Azevedo Castello Branco



As folhas noticiosas trouxeram-nos ha dias, a triste nova da morte d'este illustre escriptor, nosso brilhante collaborador e antigo politico de notavel envergadura.

Desempenhou sempre com notavel distincção os altos cargos que a Monarchia lhe confiou.

Nasceu em Villarinho de Sarmadã, contando 74 annos de idade á data do seu fallecimento.

Em 22 de fevereiro de 1893 fez parte do ministerio regenerador, como ministro da justiça.

Foi oito vezes deputado ás côrtes pelo circulo de Villa Real e em 1896 foi nomeado par do reino.

Tinha amor á litteratura e tinha obras de grande merecimento, revelando-se um primoroso artista em todas as suas producções poeticas, principalmente na «Lyra Meridional».

Além d'estes trabalhos deixou um estudo de pscyologia criminal e um outro relativo a allienados.

Aqui na «Illustração Catholica» tivemos o prazer de publicar algumas mimosas poesias do saudoso morto.

Antonio d'Azevedo Castello Branco era sobrinho do grande escriptor Camillo Castello Branco.

Com a morte de Antonio d'Azevedo desap-

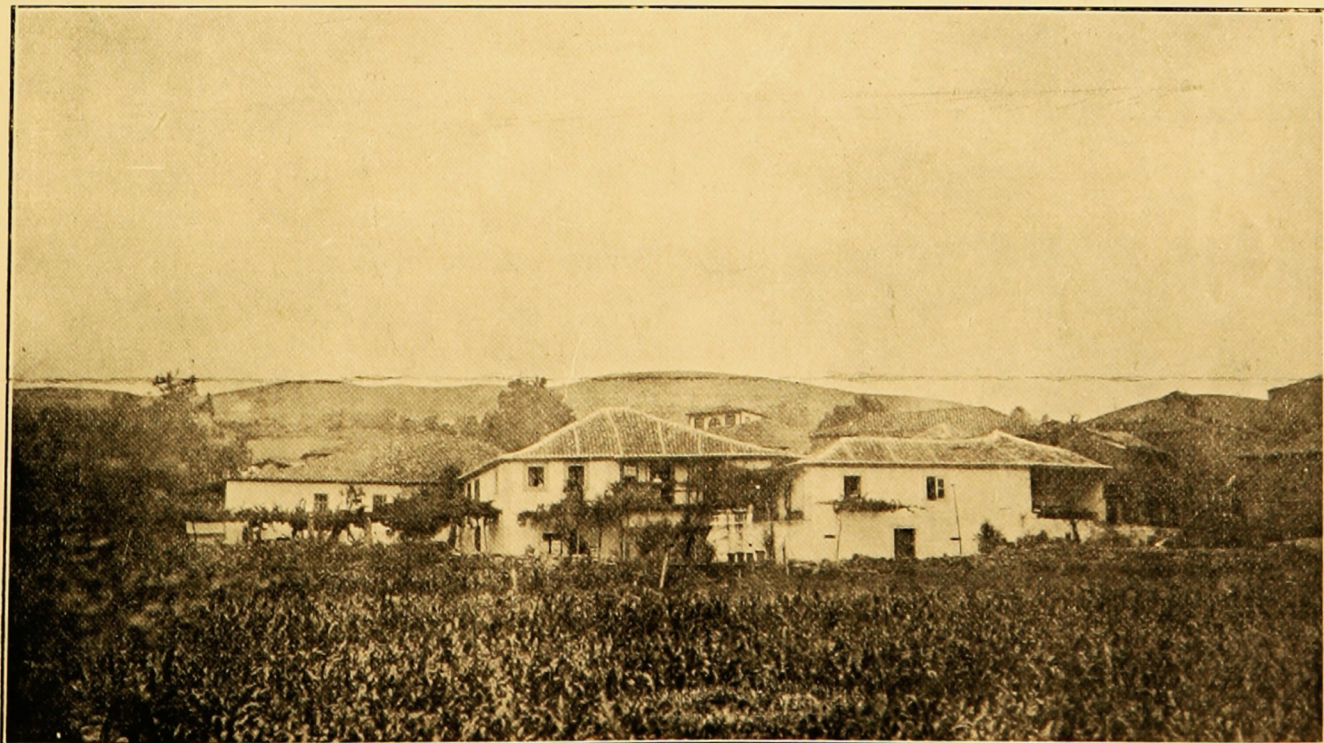
pareceu uma das grandes figuras da antiga politica portugueza.

A sua morte foi edificante.

Morreu dando o exemplo de verdadeiro christão pratico, recebendo os sacramentos da Santa Egreja.



O Snr. Antonio d'Azevedo com seu irmão Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco no verão do anno passado, nas Pedras Salgadas

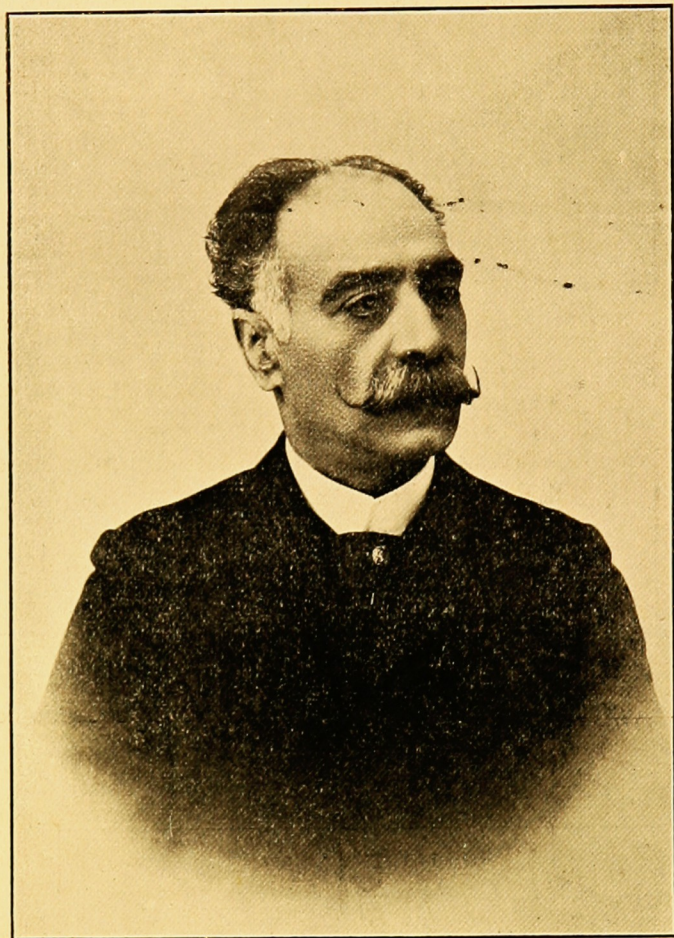


Samardã.—A casa onde nasceu Antonio d'Azevedo

Antonio José Pimenta Gonçalves



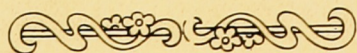
Passou no dia 25 do corrente, o 1.º anniversario do fallecimento do distincto causidico bracarense snr. dr. Antonio José Pimenta Gonçalves, que desempenhou diversos cargos de representação, e entre elles o de presidente da Camara Municipal, membro do Conselho do Conselho do Districto, em differentes annos, e exerceu como tal as funcções de Governador Civil. Foi provedor da Misericordia, e é a quem se devem os elegantes melhoramentos na casa da meza, e na igreja do mesmo nome, bem como o largo fronteiro á porta lateral da



Dr. Antonio José Pimenta Gonçalves

mesma e da Sé, cuja iniciativa de todas as obras, foram bem alto padrão de amor, zelo e dedicação do saudoso extinto para com a Irmandade da Misericordia. E' tambem á saudosa memoria do illustre extinto que se deve as iniciativas do hospital privativo para os irmãos da Misericordia, na casa que foi do Visconde de S. Lazaro; da missa da 1 hora da tarde, a das 8 da manhã na igreja do Hospital, quando esteve como provedor na Santa Casa da Misericordia.

Pie Jesu Domine, dona eis requiem. Amen.



D. Rita de Jesus d'Almeida Nazareth



Illustra hoje as paginas da nossa revista o retrato da sympathica velhinha senhora D. Rita de Jesus d'Almeida Nazareth, bondosa e benemerita senhora ultimamente fallecida na cidade do Porto.



D. Rita de Jesus d'Almeida Nazareth

Presta assim a «Illustração Catholica» a devida homenagem á memoria da veneranda extincta, que em vida sempre evidenciou as maiores virtudes christãs e as qualidades formosissimas d'um generoso e diamantino coração.

Era mãe dos estimaveis sacerdotes da Companhia de Jesus, revs. Almeidas Nazareths — outros sacerdotes que actualmente lá fóra, no estrangeiro, honram o nome portuguez.

Paz á alma da saudosa extincta e sentidos pezames á familia enlutada.



O somno da morte é o nivelador mais poderoso das desigualdades sociaes. Quando ella apparece, não ha nada que distinga o Rei mais opulento do mais miseravel mendigo.

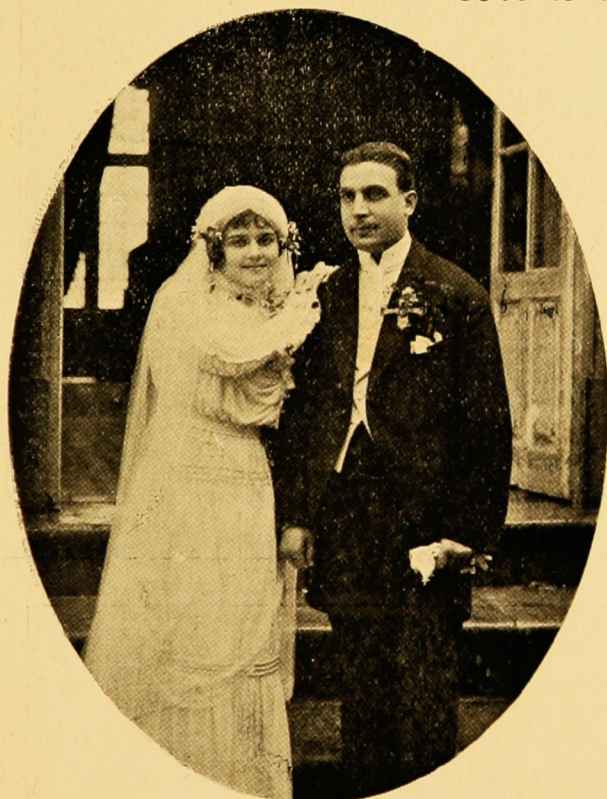
A morte não poupa o fraco nem o forte.

Nós somos todos condemnados á morte com esperas ou prazos indefinidos.





Os noivos com os convidados, depois da cerimonia



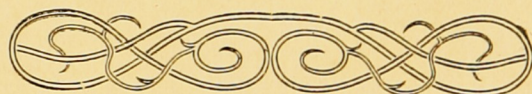
Os noivos



CASAMENTO ILLUSTRE

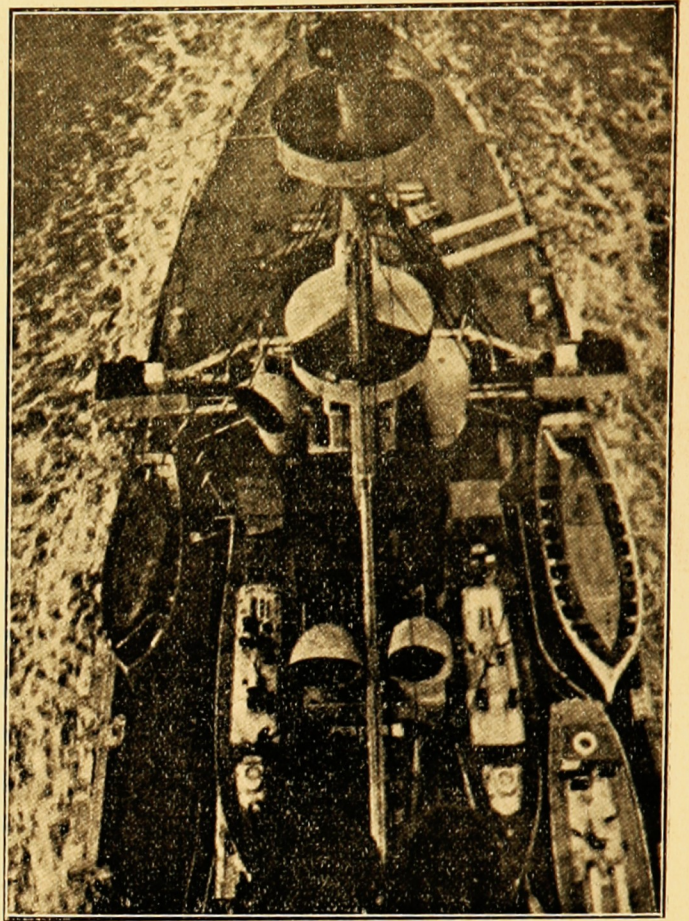
Consoiciou-se ultimamente, no Santuario do Bom Jesus do Monte, o snr. Delphim Ferreira, filho do snr. Narciso Ferreira, com a snr.^a D. Silvia Ferreira, gentil filha do snr. Anselmo Gomes.

A cerimonia religiosa revestiu-se de grande pompa, sendo servido aos convidados um copo d'agua, no Grande Hotel d'aquella mesma estancia.

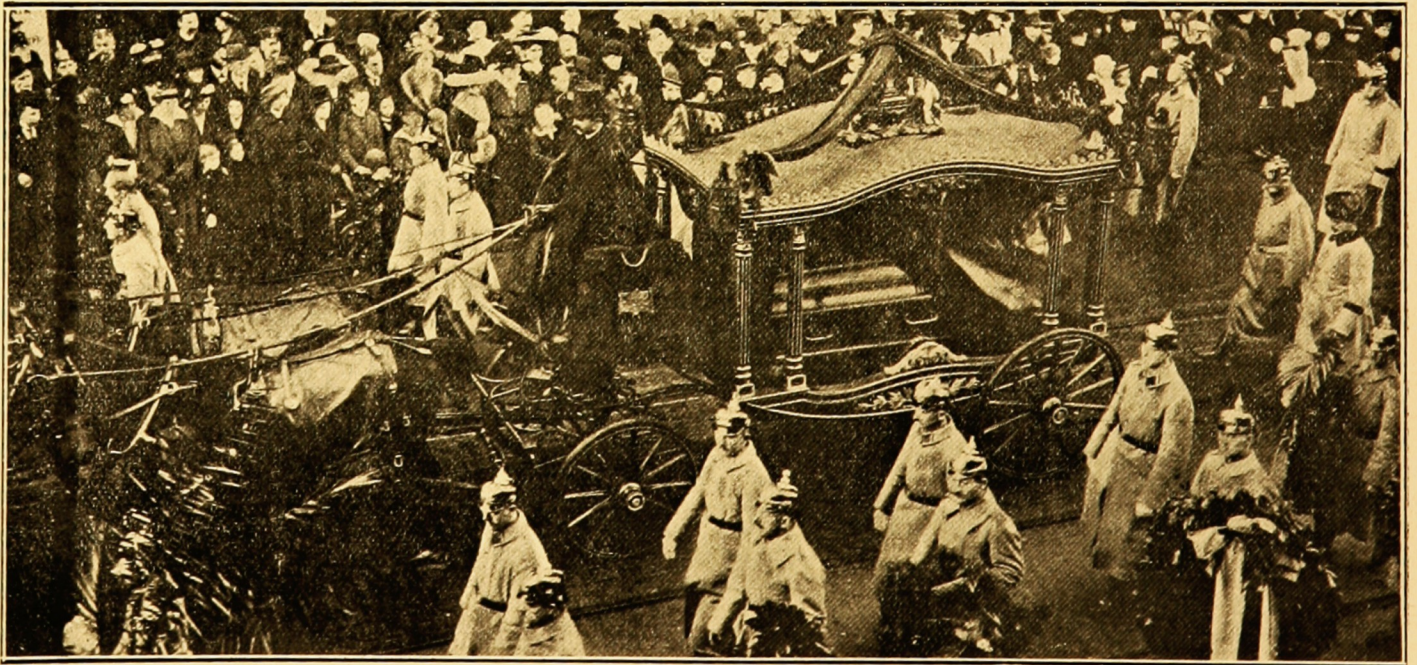


Automoveis que conduziram os convidados e os consortes ao Santuario do Bom Jesus

o Páginas da Guerra Europeia o



*Nos Dardanellos.—Uma peça de artilharia usada pelos ingleses, para atacar os aeroplanos
A coberta d'um navio inglez visto de cima*



Liège—O funeral do general allemão Von Emmich

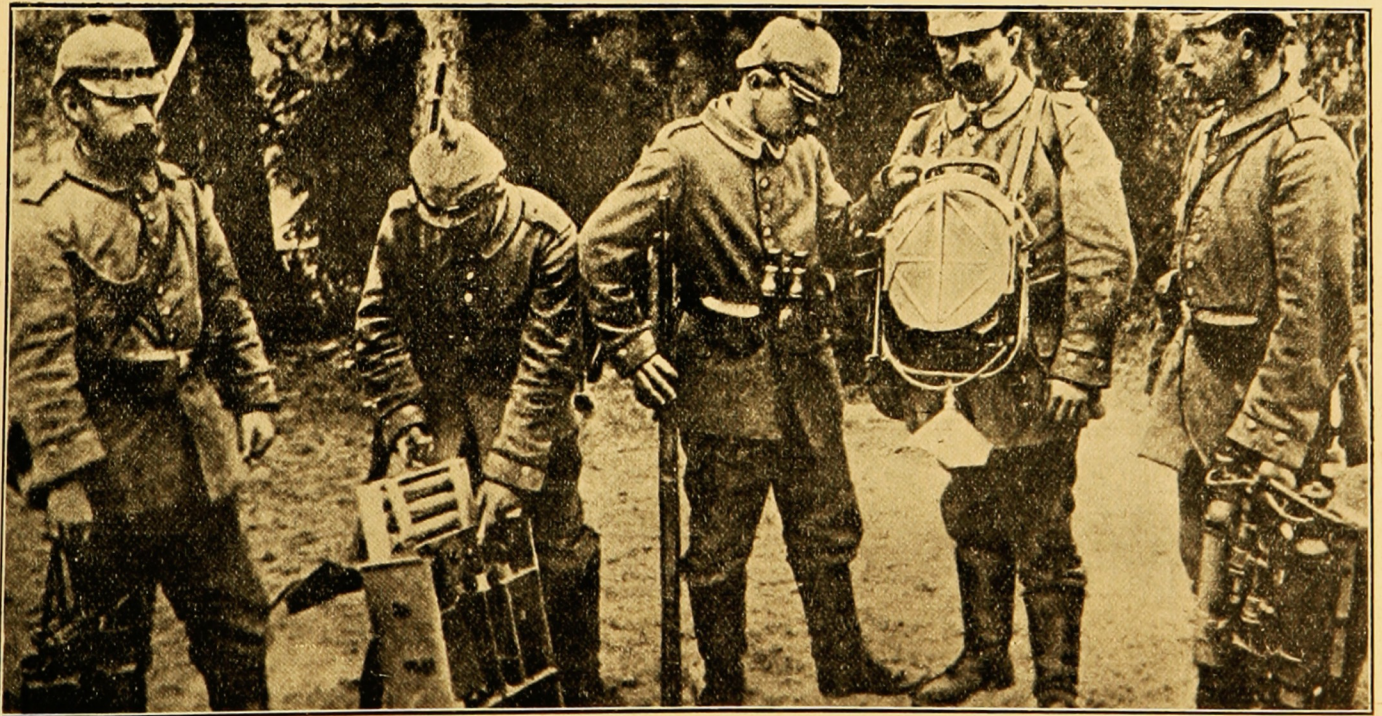


1 — Officiaes austriacos exercitando-se no jogo do box. O inimigo é uma munia

2 — A sympathia dos inglezes pelos soldados que vão para a guerra.

Ha mezes quando um soldado francez que residia em Londres, foi chamado para o seu regimento em França, acompanhou-o á estação no dia da partida sua esposa e filhinho.

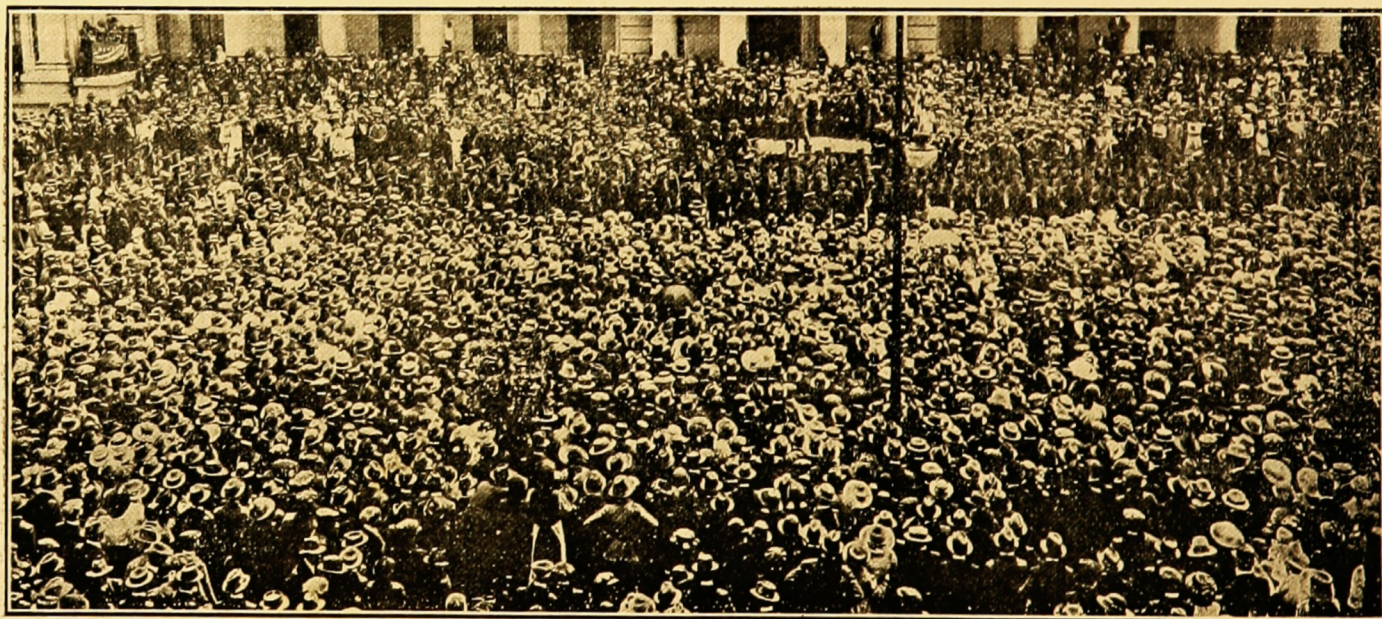
Tiveram de atravessar uma rua de grande movimento. A' sua passagem, tudo parou, dando assim áquelle soldado que partia para a guerra, transito livre.



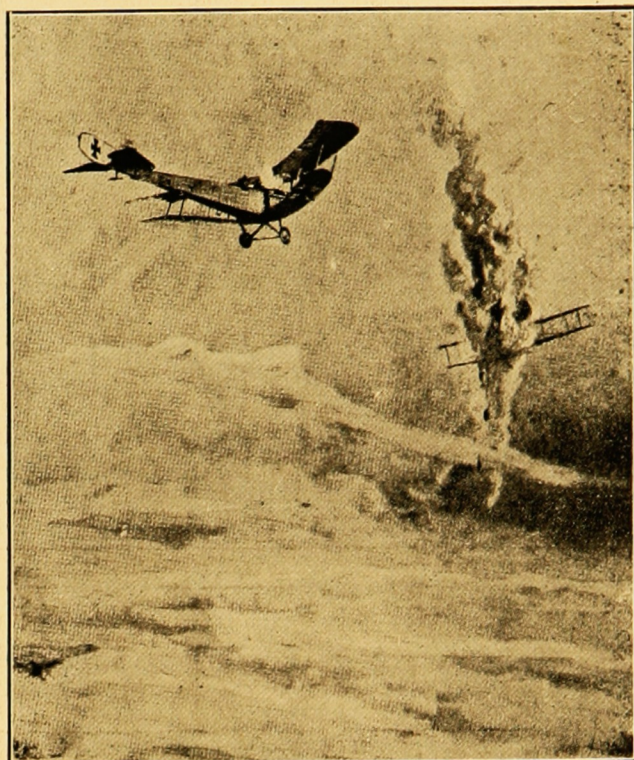
Holophote portatil allemão. O grupo de soldados encarregados no manejo do holophote aguardando a inspecção antes da partida para as linhas



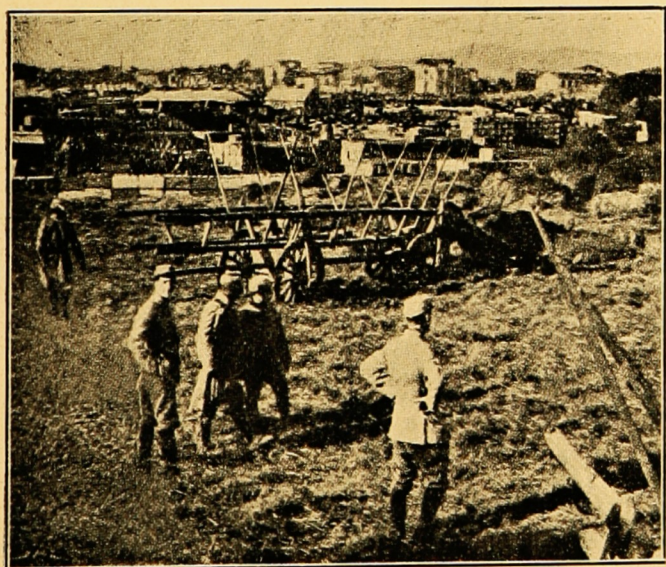
O Rei Pedro da Servia dirigindo-se para a fronteira grega, n'um rustico carro tirado por dois bois



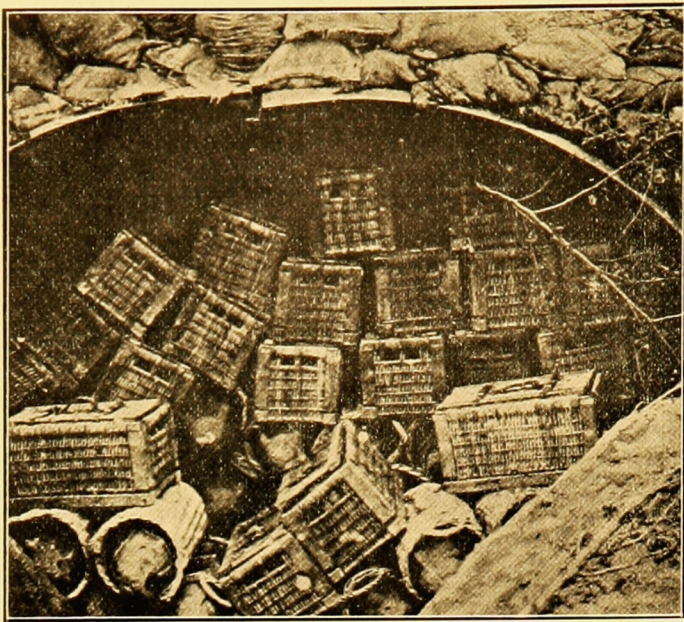
Johannesburgo. — O povo assistindo ao alistamento militar junto ao edificio da Camara Municipal



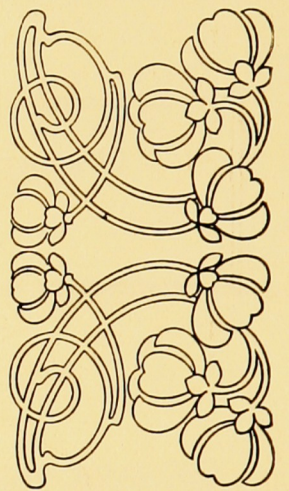
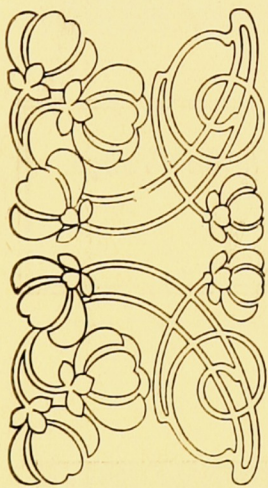
1 — O imperador da Alemanha na ultima visita ás linhas de batalha do norte da França.
Está fallando com um dos seus soldados
2 — No espaço. — A queda do aeroplano vencido



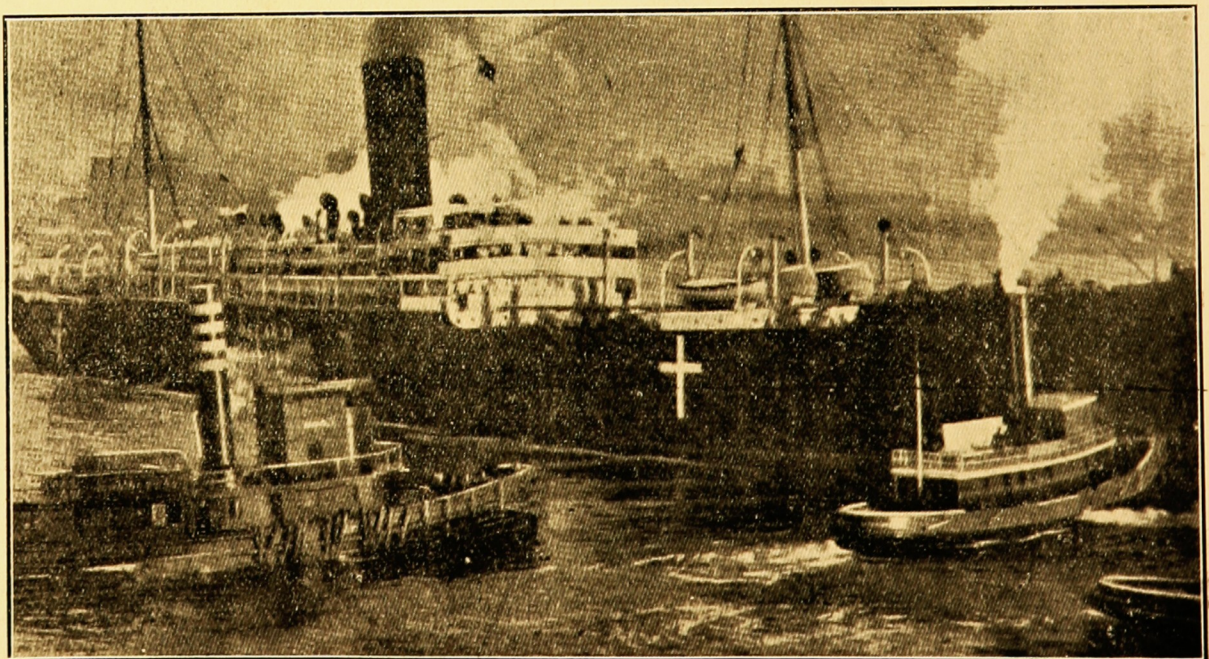
1 — Um acampamento e aerodromo das tropas francezas em Salonica
2 — Um acampamento de prisioneiros bulgaros e allemães na Grecia



1 — Deposito allemão de munições detraz das linhas de fogo
2 — O archi-milionario norte-americano, Henrique Ford, que, com a Commissão de Paz, vem á Europa como medianeiro da paz



Mrs. Weibel, milionaria norte-americana, que faz parte da Commissão de Paz



O vapor «Oscar II» fretado por Henrique Ford e outros millionarios norte-americanos, que conduz á Europa a Commissão da Paz



Um regimento montenegrino em marcha para a linha de batalha nos primeiros dias da guerra

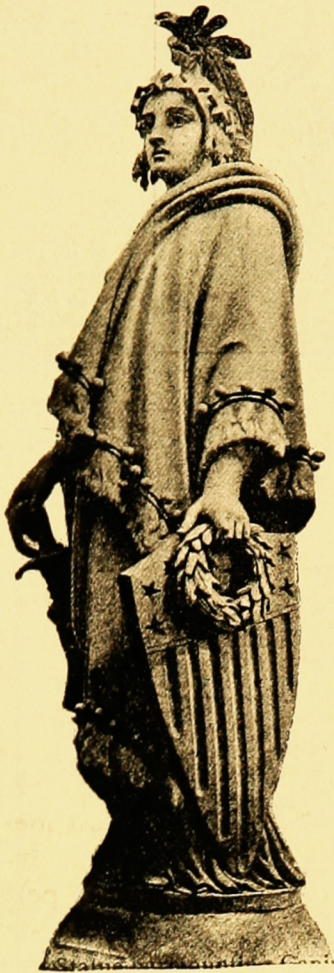
Consulta



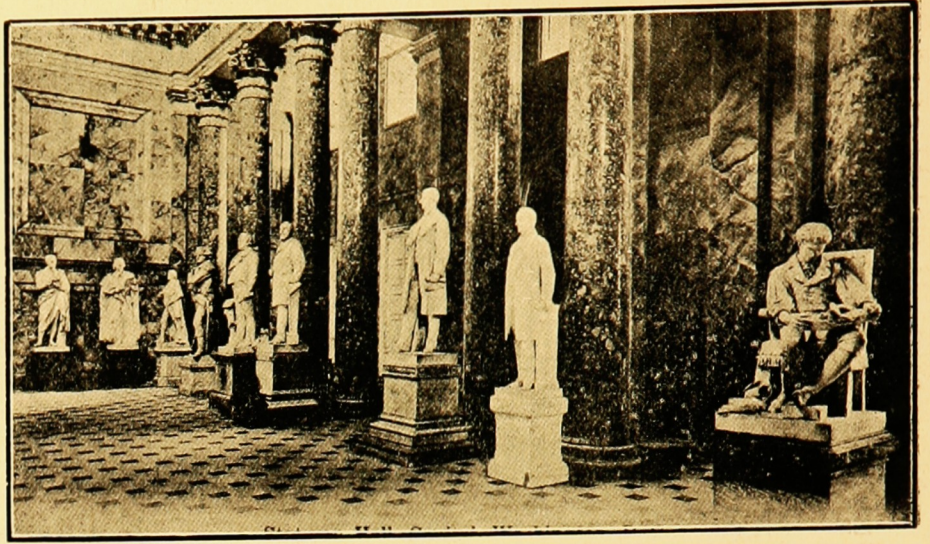
- Ora diga-me, doutor: a alienação mental é motivo para separação?
— O quê? Endoideceu sua esposa?
— Não. O doido fui eu, por ter casado com ella...

Capitolio

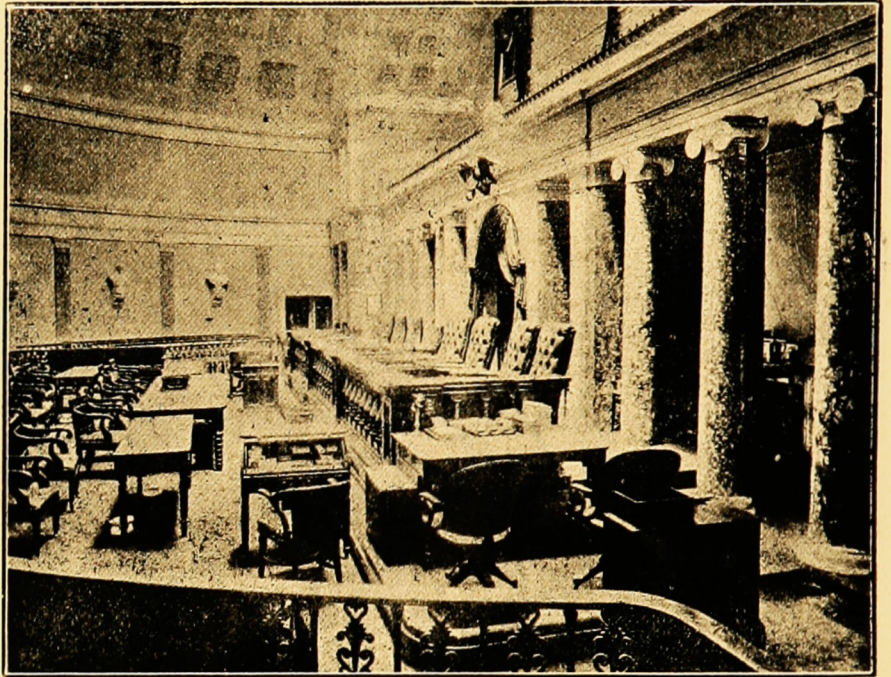
E' um grandioso monumento outr'ora templo de Jupiter e fortaleza que se levanta sobre o monte capitolino em Roma.



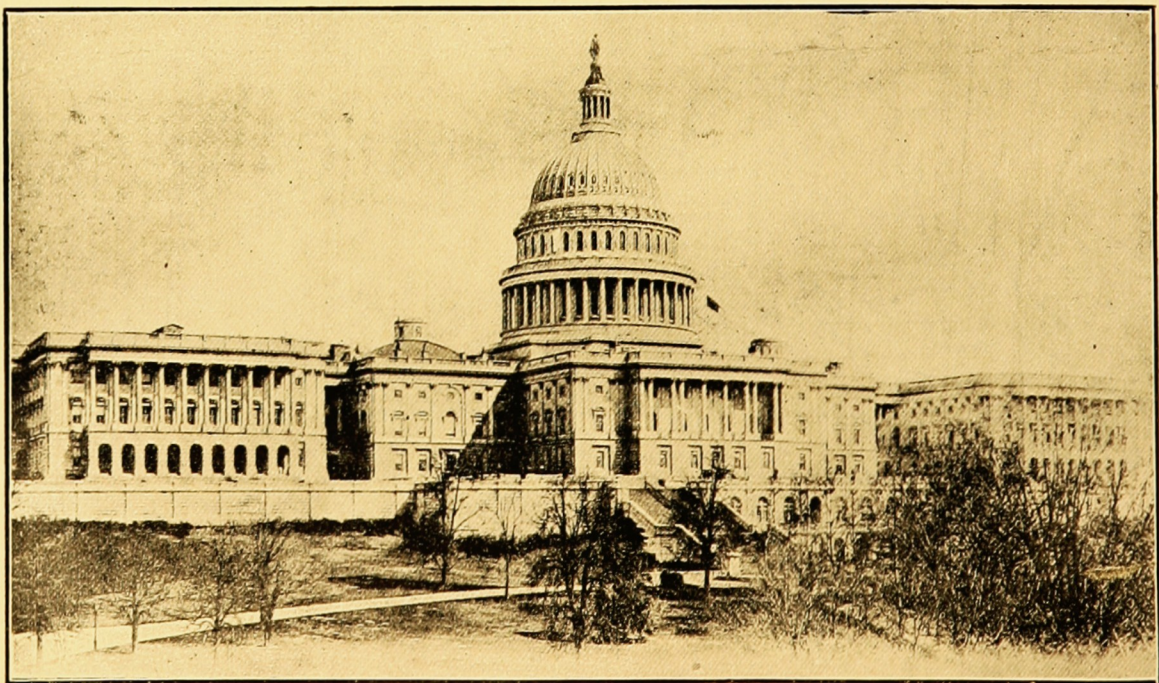
*Estatua da Liberdade
no zimborio do Capitolio*



Capitolio. — Sala das Estatuas



Capitolio. — Sala do Supremo Tribunal de Justiça



O Capitolio

O Cruzeiro


Pelo illustre poeta Antonio de Azevedo Castello Branco ultimamente fallecido.



Cruzeiro solitario,
Triste recordação
Do drama do Calvario,
N'essa expressão de dor,
A quem Jesus adora
Inspiras commoção.
De ti moteja embora
O livre pensador,
Essa ingenua esculptura
Tragicamente exprime
Os transes de tortura,
A dor sem equal.
Ao supplicio da Cruz,
Grotesca, mas sublime,
Porque d'ella transluz
A belleza moral
Do verbo de Jesus.
O mestre das doutrinas
Que passarão ovantes
Por cima das ruinas
Das cathedraes gigantes.

De ti, ó monumento
Da fé de nossos paes
Ascende o pensamento
A mundos ideaes,
Que ás almas presta a fé
As azas d'um condor.
Respeita este padrão.
Oh livre pensador,
Deixa-o estar em pé
Na sua solidã.
O vandalo selvagem
Póde a cruz derrubar
Na sua furia insana,
Mas não a doce imagem
Que brilha no altar
Da consciencia humana.

Timpeira, 1913.



A ASSUMPÇÃO DA VIRGEM NA ARTE

(esboço)

POR E. P.

POUCAS festas, como esta, teem sido preparadas por uma longa linhagem de obras primas. Desde os seculos mais simples e ingénuos, desde o instante em que o jornal do artista, livre de balbuciações, se fixa mais correctamente, a Assumpção, como a Annunciação ou a Visitação, tornam-se um dos *motivos* predilectos dos pintores.

Em todas as escolas, em todos os povos,

não ha artista, inspirado pela belleza d'um tal assumpto, que não procure representar em traços d'um mais suave desenho, no mais doce e rico colorido, o episodio celeste. Egualmente fascinadas por esta espécie de gloria, de intensidade, de diffusão de luz no meio da qual se realisa o drama divino, os melhores mestres por mais de uma vez se acharam reunidos ante o tumulo vazio acima do qual Maria, amparada pelos anjos sóbe ao ceu n'um sulco de fogo!...

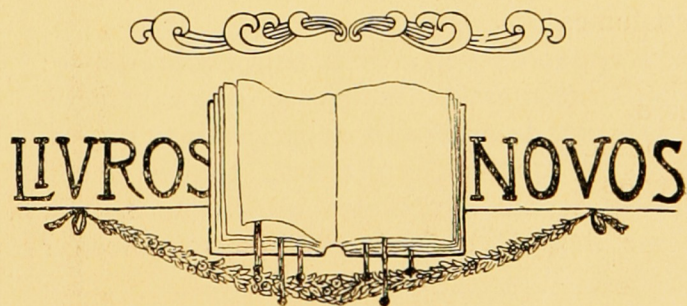
Pode dizer-se da Assumpção, que em todos os tempos ella se prestou aos mais bellos vãos do genio; que inefavel com Fra Angelico, mostrou-se faustuosa em Ticiano, cheia de trágico em Rubens, tão limpida como cheia de paz em Poussin; Corregio nunca foi tão suave como ao representa-la Murillo nunca mais glorioso, Prud'hon nunca d'um mais doce tom de graça; Assim, sabe-se que Raphael morreu com muita pena de não ter podido acabar a obra em que começara a penetrar a Assumpção.

Em tantas paginas, decerto dignas umas das outras, as duas *Assumpções* de Ticiano e de Murillo são talvez aquellas que mais singular destino houveram. Por muito tempo perdida, a Assumpção de Ticiano foi achada pelo Conde de Cicognara, sabio antiquario, n'um canto do Convento dos Frari, em Veneza; e quanto á de Murillo, paga outrora em elevado preço pelo museu do Louvre, provém da colleção do marechal Soult. Obteve-a este, ao que se diz, durante a guerra d'Hespanha, em troca do perdão concedido a dois frades accusados de traição.

Mas a que veem estas anedotas, para o interesse das obras?

O essencial é lembrar os costumes do povo, o fervor de um rei, o esplendor das obras-primas, essa continuidade na devoção de um grande facto.

O mez de maio não é só o mez de Maria; é tambem o mez da Assumpção de Nossa Senhora; e no dia da festa, Ella desce do ceu azul dos *frescos* para o meio dos homens que trabalham e que rezam...



O Apostolado da Oração para a salvação dos moribundos

Este interessante livro do illustre escriptor catholico, Philotheio Pereira d'Andrade, é uma obra importante e digna de ser lida por todos os catholicos, pois elle nos mostra n'esse livro, claramente, a obrigação de orarmos pelos agonizantes e moribundos.



Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos

Dictadura feroz

SYLLA não perdoava aos que o hostilavam, e de animo frio fazia cair milhares de cabeças. As mais ricas cidades, como Spoleto, Treveste, Terno e Florença foram como vendidas em hasta publica. Em Treveste ordenou que trouxessem todos os habitantes ao seu tribunal, mas vendo-os em grande numero exclamou:

—Nunca terei tempo de escutar tanta gente. Era preciso um tempo infinito para separar alguns innocentes d'entre tantos culpados. Morram todos.

Comtudo quiz salvar um d'elles, em cuja casa fôra hospede, mas esse cidadão novamente se lança na multidão que os soldados iam aculillar, gritando:

—Seria odiosa a vida que eu ficasse devendo ao algóz do meu paiz.

A conspiração de Catilina

O consul reunira os senadores no templo de Jupiter Satator. Catilina comparece. Ao vê-lo, Cicero exclama:

—Até quando. O' Catilina, abusarás da nossa paciencia? Pois que! nem a guarda que véla de noite sobre o monte Palatino, nem as tropas reunidas na cidade, nem a consternação do povo, nem este concurso de bons cidadãos: nem este logar fortificado onde o senado se reúne, nem os olhares indignados que todos aqui te lançam, nada te detem!... Oh tempos! oh costumes!...

Ouve, parece-me ouvir a patria a bradar-te: Catilina, ha quantos annos se não commette uma infamia de que não sejas auctor, um escandalo em que não entrasses, contra ti são mudas as leis e impotentes os tribunaes. Não Não me livrarás dos terrores que me causas?

Eloquencia sem escrupulos

Cicero não hesitava em renegar a sua vida inteira, as suas convicções, os seus velhos rancores, tomando a causa d'um Vatínio e d'um Gabinio, os homens mais mal afamados, ou de tantos outros de quem dizia em segredo:

—Aborto seja eu se sei como os hei de defender!

Tonada de Athenas

Sylla cercou Athenas, que era defendida por Aristiou. Foi longa e tenaz a resistencia, á furia romana, mas a fome obrigou a capitulação. Aristiou mandou a Sylla dois deputados, que durante muito tempo fallaram nas proezas de Theseu, d'Eumolpho e de Milciades. Sylla cortou-lhes o discurso que ameaçava não acabar:

—Não vim aqui para receber lições de eloquencia, vim para castigar rebeldes.

E despediu-os. Sylla entrou em Athenas pela brecha e fez tão grande carnificina, que o sangue depois de ter enchido o Ceramiço trasbordou até ás portas e correu pelos arrabaldes.

Sylla e Cesar

Cesar, no começo da dictadura de Sylla, tinha dezoito annos. Era parente de Mario e genro de Cinna. Sylla quiz obriga-lo a repudiar a mulher.

A uma ordem semelhante até Pompeu tinha obedecido, mas Cesar recusou e fugiu para as montanhas da Sabina, onde muitas vezes esteve em perigo de morrer. Conseguiram o seu perdão as lagrimas da sua familia. Ao conceder-lo disse o grande dictador:

—Deixovo-lo, mas n'esta creança ha muitos Marios.

Ameaça do centurião

O projecto para aniquilar Cesar consistia em tirar-lhe o commando do exercito das Gallias, obriga-lo a voltar como simples particular para Roma, accusá-lo com a ajuda dos soldados de Pompeu. Mas Cesar era bastante habil para se não deixar illudir. As dez legiões, a que elle dera soldo dobrado e que mantinha em grande parte á sua custa, eram-lhe dedicadas como nunca exercito algum o fôra ao seu chefe. Tinha-se ouvido um centurião, ás portas do Senado pondo as mãos nos copos da espada, dizer:

—Recusaes a Cesar a continuação do seu governo? Esta lh'o dará.

Na vida das criadas se conhecem as senhoras.—*São Jeronymo.*

As cousas antigas não tem prova. — *Tito Livio.*

Expediente

Estamos procedendo á cobrança do 1.º semestre do presente anno. Rogamos aos nossos estimaveis assignantes o obsequio de satisfazerem o importe do seu recibo, logo que este lhe seja apresentado, cooperando assim para que esta administração tenha os seus serviços tão regularizados quanto é o nosso maior desejo.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes
Artigos religiosos, imagens, paramentos
Harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se n'esta casa.
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira).

Officio de Nossa Senhora EM PORTUGUEZ

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflictus».

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflatum».

Preços: brochado, 80 réis; encadernado em percallina, 150 e 170; Pelo correio mais 10 réis.

A' venda na administração do Boletim Mensal— Braga

A's senhoras anemicas

Recommendamos o

PECTOL

Por ser um excellente tonico e nutritivo, de grande efficacia no tratamento d'anemia, chlorose, tuberculose, fraqueza, convalescença, neurasthenia, etc. Frasco 950. Deposito geral, Instituto Galenico Portuguez, Praça do Conde d'Agrolongo 37—BRAGA.

OURO VELHO. Compra-se em qualquer estado, pagando-se bem, nos Grandes Armazens da Caixa Penhorista Bracarense.

CALLOS

Sò os tem quem os quer!

O **Callicida** **Dias** faz cair os callos por mais antigos que sejam.

E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a **Manuel Joaquim Dias**
VERMOIM—FAMALICÃO

Almanaque de Santo Antonio Para 1916

O seu nome de ha muito está feito. Todavia o *Almanaque de Santo Antonio* empenhado em cada anno se tornar mais util e agradável, traz agora novidades ineditas e exclusivas, sendo uma d'ellas a taboa explicativa de cada die de jejum do anno, com a indicação do que é ou não prohibido comer-se.

O *Almanaque de Santo Antonio para 1916* prova pralicamente que sem pornographias nem immoralidades se pôde compor um almanaque, capaz de não vexar, envergonhar ninguem que o traga nas mãos, bater-se com os melhores almanaques portuguezes que apparecem no mercado.

Brochado, 250 réis.—Encadernado, 320 réis
Pelo correio mais 50 réis

A' venda na administração do Boletim Mensal—Braga.

PARA LER!

Brotéria, Revista muito interessante, de agricultura, descobertas científicas e estatísticas comerciais, tão ilustrada como as melhores revistas estrangeiras.

Assinatura 1\$500. Pedidos a A. Costa e Mattos, Braga.

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n este genero